

Aval de Respeito

Os elogios feitos ao Plano Real pelo ex-presidente do Federal Reserve Board (Fed), Paul A. Volcker, na semana passada, não devem ser creditados a um singelo gesto de simpatia do visitante. Volcker, o poderoso presidente do Fed – o banco central americano – entre 1979 e 1987, uma das maiores autoridades em macroeconomia no mundo, é conhecido também pela franqueza e, eventualmente, pela forma rude de analisar as coisas. Não precisa ser simpático.

Ouvir do ex-*chairman* do Fed que o Plano Real é a maior oportunidade que o Brasil já teve para conquistar a estabilidade econômica equivaleu, de fato, a um aval internacional de primeira linha para a condução da política econômica brasileira. Ou quando afirmou que “são três anos de sucesso contra 30 de desastre”. Mais ainda, quando disse que o Brasil estar “algemado” ao Plano Real é positivo, “pois é um bom plano”.

Paul Volcker conhece muito bem a economia brasileira. Foi presidente do Fed durante a moratória da dívida externa da América Latina, um negociador duro que sabia muito bem do que falava nas discussões ásperas da época. E na sua franqueza habitual admitiu que o problema do déficit público no Brasil dificilmente será solucionado agora, devido à proximidade das eleições. Mesmo assim, acha que é fundamental manter a atual liderança política no poder, “o que reforçaria as expectativas de continuidade” do programa de estabilização econômica, “crucial para manter a inflação sob controle e os níveis de investimento externo”.

Áspero o suficiente para dizer que não estava sendo pago para ditar regras para o Brasil, deixou escapar que concorda plenamente com a política

de juros adotada pela equipe econômica, uma das principais reclamações de empresários e consumidores. Com a experiência de quem comandou o Fed com mãos de ferro, num momento difícil para a economia americana, o que garantiu a sua recuperação, afirmou que taxa de juros baixa “é uma recompensa, não o caminho para a estabilidade”. Para ele, redução dos juros não se faz sem controle definitivo do déficit público.

A experiência americana provou que a redução dos juros foi uma recompensa de uma situação bem sucedida e não a causa do sucesso da economia. Não é por acaso que os Estados Unidos são, hoje, uma das economias mais equilibradas do mundo, com baixas taxas de desemprego, juros, inflação, e em franco crescimento. Poucas vezes os americanos experimentaram período tão pródigo e equilibrado.

Se elogiou, o economista também fez uma advertência sobre o futuro do Real. Afirmou que se o governo não reverte o déficit público (estimado em 4% do Produto Interno Bruto para este ano), o Brasil não terá como diminuir a pressão sobre os juros e o câmbio. E que esta não é uma situação que se possa sustentar por muito tempo.

O que Volcker diria, certamente, se acompanhasse de perto a trajetória do Real, é que sem as reformas constitucionais, que tanto afligem o Governo, não haverá controle do déficit público. Sem demitir uma boa quantidade de funcionários públicos, sem acabar com os privilégios das aposentadorias milionárias, sem fechar as torneiras dos estados gastadores com seus bancos oficiais, sem combater a corrupção, o Estado não gastará menos do que arrecada. E não garantirá estabilidade monetária por muito tempo.